

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

## FOLK-LORE AÇORIANO

XXX (a)

### O caso de São Vicente (b)

A especie, inteiramente inedita, que hoje publico, é um romance descriptivo, evidentemente de elaboração recente, e que pertence a uma categoria de factos especiaes que apresenta o folk-lore açoriano.

O malogrado naturalista e meu distincto compatriota Arruda Furtado escreveu já n'um suggestivo livro sobre a ethnologia açoriana: «Como era de esperar do facto comum a todos os povos atrasados, imaginação reproductiva muito poderosa, o nosso povo, a par do excelente ouvido para a musica, tem na poesia individual um vigor descriptivo admiravel. Elle versifica immediatamente e com grande facilidade todos os acontecimentos intimos, mas sem tragos imaginosos; a poesia n'este caso é um descriptivo e nada mais». O insigne observador reproduziu, como exemplo, o caso do *Jacinho Pedro*, longo romance composto por um camponez michaelense, em que se relata, com toda a minudencia de detalhes, um crime occorrido na freguezia da Ribeirinha da ilha de S. Miguel.

Não conseguí avoriguar a origem nem a historia do este outro romance do mesmo genero, que offereço aos colleccionadores. Encontrei-o na tradição oral da Ponte Delgada por occasião da minha ultima viagem ás ilhas, o dou agora o seu texto com a maxima fidelidade, tal qual o colligi.

(a) Vido esta *Rev. v. XII c. 50*, o vol. XIII c. 9.

(b) São Vicente é uma freguezia rural do concelho de Ponte Delgada, que conta 1568 habitantes segundo o censo de 1890.

Nós tomos uma verdade,  
Mais pura que a semente  
Duma desgraça qu'assucedeu,  
No logar de S. Vicente.

Havia uma mulher casada  
Com o seu marido,  
Que vivia na lei de Deus  
Como Deus ora servido.

Quiz Deus qu'ali houvesse  
Uma criança gerada  
No ventre de sua mãe  
C'uma má sorte talhada.

Mais quiz que le dissesse,  
Uma certa vesinha,  
Q'uo pae fosse depressa a casa  
Tirar feições da sua netinha.

O pae a casa chegava,  
Pela filha preguntava;  
A mão q'r'ia encobrir,  
A criancinha chorava.

Foi depressa ter com ella,  
Preguntou-lhe qu'era aquillo,  
Quando tu, mulher solteira,  
Sem homem, tiveste um filho.

Depressa lhe preguntou  
De quem era pretendido,  
Que queria satisfazer  
Vontade do *individuo* (individuo).

Ella achou-se envergonhada,  
Não quiz dizer de quem era.  
O pae pegou numa navalha:  
«Tu não queres dizer? Espera!»

O filho, no corredor,  
Começou logo a gritar.  
Largou pelo corredor fora  
Pr'ò pae ir aguentar.

«Arreda-te d'aqui pr'a fora.  
Que vens tu aqui fazer?  
Se te não arredas d'aqui pr'a fora  
O mesmo t'ha-de assueder.»

O filho d'ali fugia,

Em ver aquillo se assustou.  
O pae pegou n'uma navalha,  
A sua filha degolou.

A mãe com ella nos braços,  
Grande *planto* fazia.  
«Grande morte de terrível,  
Fizéste tu este dia!»

Gritando á que del-rei,  
Muito povo acudia.  
—Meu Deus, isto que seria,  
Em casa da nossa Anninha?

Preguntaram-lhe as vesinhas  
Quem te fez tal traição.  
Diz ella: «Foi o meu marido,  
Aquelle grande ladrão!»

Preguntaram-lhe as visinhas:  
«Adonde está o seu marido?»  
Diz ella: «Eu cá não sei  
Adonde elle está escondido».

Vieram os cabos da rua,  
Mais o juiz do logar,  
Vieram a casa dar busca,  
P'ra bem de preço ficar.

Sahiram pela porta fóra,  
Mais o filho juntamente,  
Ambos cercados  
Por detrás e por *diente*.

«Adeus mulher, adeus filhos,  
De dentro do meu coração.  
Eu agora vou penar  
P'ra uma feia prisão.

«Adeus mulher da minh'alma.  
Adeus meu cachinho d'uvas,  
Adeus tu, Maria Augusta,  
Estás no *rôle* das viúvas.

«Adeus compadre e comadre;  
Adeus cama d'onde eu dormia;  
Adeus queridos filhos,  
Adeus até um dia!»

Lá no meio da freguezia  
Se despediu do logar,  
Com o sentido perdido  
D'ali nunca mais tornar.

Chegaram á Bôa Nova, (a)

(a) Penitenciaria de Ponte Delgada. Confira o limoeiro em Lisboa.

Chamaram pl'o carcereiro,  
Que fechasse no corral  
Um lobo e um cordeiro.

Foi depressa buscar as chaves  
Donde estavam dependuradas.  
P'ra fechar no corral  
Duas almas desgraçadas.

Quando se viram fechados  
Dentro d'aquella enxovia,  
Virou-se o filho pr'ô pae:  
«Já não tenho alegria!

«Adeus terras e caminhos  
Por onde tenho passado;  
Adeus parentes e amigos,  
Eu não sou mais q'um desgraçado

«Valha-me a Virgem Maria,  
O omnipotente Deus,  
Que tenha dó do meu pae,  
Que tanto delicto fez.

«As pedras me sirvam de cama,  
As lagrimas de cobertura,  
O meu corpo vaia (sic) pagar  
N'huma feia sepultura.

«Valha-me a Virgem Maria,  
O omnipotente Deus,  
Que tenha dó d'est'alma,  
Que tanto delicto fez.

«A vinte cinco do maio  
Eu vou-me á minha sentença:  
Quem quizer que venha vêr  
Faça alguma diligencia.

«Me assentarei n'huma cadeira,  
Sem a cabeça *irguer*,  
Sem ter bôca, nem lingua,  
Para a ninguem responder».

Armando da Silva



#### O BEIJO NA CHINA

Os chinezes desconhecem o beijo. A maior parte dos quatrocentos milhões de individuos amarelos que pululam no Imperio do Meio, ignoram qual seja a dôçura e o encanto de tocar com os labios uma face amada. Quando vê-

em os europeus abraçarem-se manifestam um desgosto vehemente. Consideram o beijo como uma das coisas mais vis da civilisação occidental.

Os europeus que habitam na China nunca puderam conseguir que uma criada chinesa abraçasse uma criança.

Quando dois chins querem manifestar a sua reciproca affeição, juntam as mãos, que elevam à altura da fronte, inclinando ligeiramente a cabeça, e, para saudarem respeitosamente alguém prosternam-se.

Não conheceram o beijo! A-qui está uma forte razão para as potencias exterminarem os barbaros.



## CANTOS POPULARES DA BEIRA BAIXA

Recolhidas por A. Thomaz Pires

(Continuação)

122

Canta o gallo, é de dia,  
Relógio dos namorados,  
Inda não é meia noite  
Já os gallos teem cantado.

123

Já não torno a cantar  
Como algum dia cantei,  
Já bebi agua de bruços  
Toda a falla demudei.

124

A perdiz anda no monte,  
O perdigão no vallado,  
A perdiz anda dizendo:  
Anda cá, meu namorado.

125

A perdiz anda no monte,  
Depinicando seixinhos,  
O' quem depinicára  
Da tua bocca heijinhos.

126

Minhas vozes já não prostam,  
São canas verdes do rio;  
Como hade cantar bem  
Quem de noute dorme ao frio.

127

A felôr da malva é roxa,  
Quem o hade duvidar,  
As minhas relações co' as tuas  
De todo estão a acabar.

128

A felôr da malva é roxa,  
De róxa é denegrída,  
Desejava de passar  
Contigo a minha vida.

129

O' ladrão, que me enganaste,  
Sendo eu tão rapariga,  
O inferno tem-lo certo,  
Cadeia p'r'a toda a vida.

130

Apagaste a candeia  
Que estava no velador,  
Agora vae-te deitar  
A's escuras, meu amor.

131

O' quem fôra rato, rato,  
Que ratara pelo chão,  
Que ratara as maçarocas  
A's meninas do serão.

132

Passei pela tua porta  
Boli-te na fechadura,  
Viste-me não me fallaste,  
Coração de pedra dura.

133

Tornei a passar á porta  
Pela cantada do gallo,  
Ouvi-te dár um suspiro  
O' quantos terias dado.

134

Despedi-me do amor  
La baixo aos Verdeacs,  
Eu chorei, elle chorou,  
Despedimo-nos em ais.

135

Antoninho, meia branca,  
Passeia toda a cidade,  
Sempre fortes, e has de ser,  
Amor, da minha vontade.

136

Fui a passear ao campo,  
Santo Antonio me chamou,  
Quando o santo chama môças  
Que fará quem já peccou.

137

Lindos campos feloridos  
Para passear e ver;  
Quem quizer, amar a Deus  
Do mundo se ha de esquecer.

138

Hei de ir, e hei de vir  
A' porta me hei de sentar,  
Onde vir que te dou penas

Ahi hei de porfiar.

139

Quem quizer amar a Deus  
Não diga que não tem tempo,  
Pode andar no seu serviço  
Trazer Deus no pensamento.

140

Pensamento atrevido  
Aonde me queres levar,  
D'alem do mar outro tanto  
Como é d'aqui ao mar.

141

Heide me vestir de preto,  
Do mais preto que ha na *loje*,  
Que eu ando desconfiada  
Que o meu bem que me foge.

142

Ausentaste-te de mim,  
Julgando que eu chorava,  
Nunca chorei por ninguem,  
Quem de mim se ausentava.

143

Se a liberdade dos presos  
'Stivera na minha mão,  
Soltava presos e presas  
Todos que na cadeia 'stão.

144

Alfinete são amores  
Eu julguei de nunca os ter,  
Achei coisa do meu gosto  
Foi causa do meu render.

145

Quatro com cinco são novo  
Nove e nove são dezoito,  
Quem te agarrara, menina,  
Na idade de vinte oito.

146

Triste dia se me ordena  
Em ter o amor pastor,  
Andar de cerro em cerro,  
*Visteis p'r'aqui meu amor?*

147

Vós dizeis que não, que não,  
Inda heis de vir a q'rer,  
Tanto dá a agua na pedra  
Que a faz abrandecer.

148

Suspirando, dando ais,  
Levo a vida penosa,  
Em consid'rar que deixei  
No jardim a melhor rosa.

149

Fui ao Douro à vindima  
Pagaram-me trinta reis,  
Fui á feira de Moncorvo  
Empreguei-os em anneis.

150

Menina, se quer saber

Como se trata o amor,  
Passar, e não ir ver olhos  
Assim se faz ao sup'rior.

151

Atirei e não matei,  
O' mal empregado tiro,  
O' minha polv'ra queimada  
O' meu chumbo derretido.

152

Cante-me lá uma cantiga  
Não me diga que não sabe,  
Diga-me antes que não quer,  
Não é da sua vontade.

153

Menina, se ouvir chover  
No seu telhado pinguinhas,  
Receba-as com piedade,  
Isso são lagrimas minhas.

154

Tendes telhado de vidro  
Só para o meu atiraes,  
Fallaes de mim, fallaes d'outrem  
Só para vós não olhaes.

155

Defronte de mim 'stão olhos,  
Mas eu vêl-os ainda não,  
Pelo resplendor que deitam  
Reconheço de quem são.

156

O' rua do Tabolado  
No meio tem uma botica,  
Lá ficaram os meus olhos  
N'uma casa tão bonita.

157

A moda do *Ai que rico*  
Quem havia de augmentar,  
Foi a filha da forneira  
Que andava p'ra se casar.

158

Algum dia por te ver  
Ia eu de noite á fonte,  
Agora peço a Dens  
Que nem de dia te encontre.

159

O sol anda e desanda.  
Dá voltinhas ao Marão,  
Eu não ando, nem desandando  
Sou firme a teu coração.

160

O' desvelo dos meus sentidos,  
Agulha de marcar,  
Estrella por onde eu me guio,  
Quando te quero fallar.

161

Não quero lencinho branco  
Que me chamarão senhora,  
Quero lencinho vermelho,  
Que é trajo do lavradora.